

Este artigo foi recebido em junho de 2024 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme política editorial, sendo aprovado para publicação em outubro de 2024.

## ÉTICA NAS TIRAS DE HUMOR DA MAFALDA *ETHICS IN MAFALDA'S HUMOR STRIPS*

**CHARLES KLEMZ**

Doutor em Teologia pela Faculdades EST

**E-MAIL:** charles@est.edu.br

**GEVERSON TOBIAS BOHM**

Mestre em Teologia pela Faculdades EST

**E-MAIL:** geverson.tbohm@hotmail.com

**SANDRA INÊS HORN BOHM**

Mestra em Engenharia de Produção pela UFSM

**E-MAIL:** sandra.bohm@ifap.edu.br

### Resumo

O artigo tem como tema a ética a partir das tiras de humor da Mafalda, personagem do quadrinista argentino Quino. Mafalda é uma personagem crítica aos sistemas autoritários ou às relações desumanizadas, símbolo contestatório emblemático para toda uma geração na Argentina. Porém, ainda que criada para um determinado contexto, o conteúdo evidencia temas atemporais e universais. A pesquisa é bibliográfica, de natureza qualitativa, e analisa as tiras da Mafalda no que tange às questões éticas. Parte-se da hipótese de que as tiras de humor são eficientes enquanto meios de transmissão de mensagem pelo seu alcance e pela sua linguagem simples, irônica e contextualizada com acontecimentos do cotidiano dos indivíduos. Verifica-se que as tiras da Mafalda tocam em questões éticas, sobre consciente coletivo do cidadão e da cidadã e refletem como o seu criador, Quino, compreende o seu contexto político e social.

**Palavras-chaves:** Ética. Quadrinhos. Tiras de Humor. Mafalda.

## Abstract

The article focuses on ethics, based on the comic strips of Mafalda, a character by Argentine cartoonist Quino. Mafalda is a character who criticizes authoritarian systems or dehumanized relationships, and is an emblematic symbol of protest for an entire generation in Argentina. However, although created for a specific context, the content highlights timeless and universal themes. The research is bibliographical, of a qualitative nature, and analyzes Mafalda's comic strips with regard to ethical issues. It is based on the hypothesis that comic strips are efficient as a means of transmitting messages due to their reach and their simple, ironic language, contextualized with events in people's daily lives. It is found that Mafalda's comic strips touch on ethical issues, on the collective consciousness of citizens, and reflect how their creator, Quino, understands his political and social context.

**Keywords:** Ethics. Comics. Humor Strips. Mafalda.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema a abordagem da ética nas tiras de humor da personagem Mafalda, criada pelo cartunista argentino Quino, com ênfase na obra *Toda Mafalda*. A ética, enquanto tema atemporal, permeia os conflitos e dilemas constantes do cotidiano humano, independentemente da época ou do contexto. As relações interpessoais, muitas vezes marcadas por disputas, acabam impactando a vida alheia. Embora Quino não tenha criado Mafalda com o objetivo explícito de criticar os sistemas autoritários ou as relações desumanizadas, a personagem tornou-se um símbolo contestatório emblemático para toda uma geração na Argentina. Nesse sentido, busca-se investigar de que maneira as tiras de humor, como um gênero de linguagem, exploram as questões éticas.

Parte-se da hipótese de que as tiras de humor se mostram eficientes como veículos de transmissão de mensagens devido ao seu amplo alcance e à utilização de uma linguagem simples, irônica e intimamente conectada aos acontecimentos do cotidiano. As histórias em quadrinhos, presentes na rotina de leitura de muitos jovens e adultos, tornam-se um meio poderoso para abordar temas relevantes, como as questões éticas, de forma acessível e envolvente.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa com caráter exploratório, fundamentando-se na técnica de análise de conteúdo. As tiras cômicas da Turma da Mafalda questionam o modo de vida, os valores e as decisões éticas em contextos cotidianos, promovendo uma reflexão sobre os valores sociais e culturais. Esses conteúdos evidenciam

descompassos entre os princípios éticos e as práticas da vida em sociedade. Nesse sentido, o estudo das tiras de humor se revela um recurso valioso para fomentar a reflexão ética, ao atribuir significados simbólicos a diversos aspectos do cotidiano, especialmente no contexto dos discentes em variados espaços de sociabilidade.

## A MAFALDA DE QUINO

As tiras da Mafalda, personagem criada por Joaquín Salvador Lavado Tejón (1932-2020), conhecido como Quino, tornaram-se um marco na história da Argentina, especialmente durante o período da Ditadura Militar. Por essa razão, as tiras são amplamente estudadas no meio acadêmico, tanto para compreender o contexto histórico da época quanto para explorar temas atemporais, como ética e liberdade de expressão. As tiras da Mafalda fazem parte da cultura pop, naquilo que se compreende como arte sequencial, “[...] uma modalidade artística com o encadeamento de imagens sequenciais, como filmes, histórias em quadrinhos [...]” (KLEMZ; STRELOW, 2020, p. 65), e trazem consigo temáticas inerentes ao cotidiano.

Em 1963, Quino publicou seu primeiro livro, *Mundo Quino*, uma coletânea de quadrinhos humorísticos diversos.<sup>1</sup> Ainda em 1963, em Buenos Aires, Quino foi contratado por uma agência de publicidade para criar uma tira cômica destinada a promover, de forma indireta, os produtos de uma empresa de eletrodomésticos. De acordo com Fabiano Didio

<sup>1</sup> Outros livros publicados foram: **Mafalda** (1966), **Así es la cosa** (1967), **Mafalda 3** (1968), **Mafalda 4** (1968), **Mafalda Inédita** (1989), **10 años con Mafalda** (1991), **Toda Mafalda** (1992).

Medeiros (2007, p. 39), uma das condições impostas pela agência de publicidade era que os personagens representassem uma família típica de classe média, composta por crianças e adultos, e que o nome de um deles fizesse referência à marca dos eletrodomésticos, Mansfield. Para atender a essa exigência, Quino nomeou a menina da família como Mafalda, aproveitando as iniciais "MA" da marca. Contudo, a campanha publicitária foi cancelada, levando Quino a arquivar, ainda que temporariamente, a ideia de continuar as tiras de Mafalda. Esse intervalo foi breve, pois três das tiras criadas acabaram publicadas na revista *Leoplán*, despertando o interesse do público e chamando a atenção de veículos da época. Em 29 de setembro de 1964, a primeira tira de Mafalda foi publicada no jornal semanal *Primera Plana*, marcando o início de uma série que daria fama e reconhecimento aos personagens de Quino.

Em 1965, novos personagens foram incorporados às tiras de Mafalda, e, no ano seguinte, foi lançado o primeiro livro reunindo essas tiras. Mafalda, a protagonista, é uma menina de seis anos, sem sobrenome, que vive em uma típica família de classe média argentina. Seus comentários e ideias refletem as preocupações sociais e políticas da década de 1960, simbolizando o espírito anticonformista da humanidade, mas com esperança em sua geração. Mafalda odeia a injustiça, a guerra, as armas nucleares, o racismo, as convenções absurdas dos adultos e, claro, a sopa.

Ao longo da série, ela passa a interagir com outros personagens marcantes:

- **Felipe**, um sonhador, tímido, preguiçoso e desligado, mas também romântico e o oposto de Mafalda.
- **Manolito Goreiro**, um bruto, ambicioso e materialista, mas com um grande coração.
- **Susanita Clotilde Chirusi**, fofqueira, egoísta e briguenta, com o sonho de se casar com um homem rico, sem se importar com os pobres ou as questões do mundo.
- **Miguelito Pitti**, sonhador, egoísta, com um avô fascista, que se sente o centro do mundo.
- **Liberdade**, sem sobrenome e idade conhecidos, esquerdista, uma miniatura de Mafalda. Possui muitos livros, ama a cultura e luta por questões sociais.
- **Guile**, um representante da idade da inocência, “[...] em que tudo está para ser descoberto. Dono de uma ternura marota, é o único personagem que cresce de uma tira para outra. A sua paixão são os rabiscos nas paredes, a chupeta *on the rocks* e a Brigitte Bardot.” (MEDEIROS, 2007, p. 46).

Em 1973, Quino decidiu encerrar a produção das tiras de Mafalda, justificando a falta de motivação e criatividade para dar continuidade ao trabalho. Desde então, a personagem passou a aparecer apenas em produções pontuais, como na campanha da UNICEF em 1977. Esses retornos esporádicos não apenas evidenciam o impacto e a relevância de Mafalda, mas também destacam a importância de Quino como autor, frequentemente convidado a

participar de iniciativas educacionais, sociais e culturais ao redor do mundo (MEDEIROS, 2007).

No livro *Toda Mafalda* (2003), a personagem destaca sua natureza questionadora e crítica desde a infância. Criada em 1964, com apenas seis anos, já nutria o sonho de ser tradutora da ONU, acreditando que poderia contribuir para a resolução de conflitos entre países e promover o bem da humanidade, com o objetivo maior de alcançar a tão almejada paz mundial. Além de ser uma defensora fervorosa da paz, Mafalda também argumentava com paixão em favor da democracia e dos direitos – especialmente os das crianças – sendo uma grande admiradora dos Beatles.

Filha de uma família de classe média, Mafalda representa, por meio de suas ideias e comentários, as preocupações sociais e políticas vivenciadas por seus pais e por outras pessoas de sua classe. Com sua postura inquisitiva e observadora, ela traduz de forma perspicaz as tensões e aspirações da sociedade de sua época.

A leitura do livro *Toda Mafalda* revela que Mafalda é uma menina sensível, carismática e profundamente reflexiva sobre questões sociais e políticas. Ela abominava a guerra e sentia grande preocupação com a existência de armas nucleares, capazes de exterminar milhões de vidas inocentes ao redor do mundo. Para Mafalda, essas armas deveriam ser proibidas, mas a realidade a indignava, reforçando sua percepção de que “nossa vida não depende de nós”. Ela também manifestava uma visão crítica sobre injustiças, racismo e conceitos relacionados à liberdade cristã.

Mafalda frequentemente questionava as escolhas e os padrões da sociedade, incluindo as decisões de sua própria mãe. Achava injusto que ela tivesse abandonado a faculdade para se dedicar exclusivamente à casa e à família, pois considerava essencial ter uma formação acadêmica que proporcionasse independência financeira e a possibilidade de contribuir para as despesas do lar.

Politizada e sempre bem-informada, Mafalda acompanhava de perto os acontecimentos nacionais e internacionais, atitude que contrastava com a postura mais desinteressada de seus pais. Quando os confrontava com perguntas sobre temas políticos e sociais, muitas vezes eles não sabiam como responder, o que aumentava sua curiosidade e a motivava a questionar ainda mais o mundo à sua volta.

Importante destacar que o contexto político e econômico em que surgem as tiras de Mafalda é resultado de uma decadência iniciada décadas antes. Em diversos países da América Latina, durante a Guerra Fria, foram implantadas ditaduras por meio de golpes de Estado, tendo o comunismo como desculpa para esses golpes. Os protestos populares foram motivados pela luta contra o subdesenvolvimento econômico e contra as ditaduras militares. Especificamente na Argentina, entre 1930 e 1976, ocorreram sete golpes militares, cujos objetivos eram sufocar as tentativas dos movimentos populares que buscavam uma sociedade democrática autônoma e obter um desenvolvimento social mais equitativo e harmônico.

Tratava-se de um período conturbado economicamente. O otimismo deu lugar à incerteza com a crise econômica de 1958 e a seca de 1962, além da alta nos preços do

petróleo, que “[...] nos anos setenta corroboraram ainda mais para o derrape econômico argentino, mesmo com os planos nacionais de desenvolvimento agrícola e industrial.” (VON KULITZ, 2013, p. 46). Com a suposta “necessidade” de restaurar a ordem, esta se converteu em um discurso utilizado para legitimar e acionar a ditadura militar e a sistemática violação dos direitos humanos (SAMPAIO, 2008, p. 50).

Assim, as tiras de Quino surgem em um contexto de caos econômico e declínio social que culminaram com a ditadura militar argentina. De acordo com Sampaio (2008, p. 50), a partir de 1966, a Argentina passou a enfrentar um período marcado por um regime autoritário semelhante ao da ditadura militar vivida no Brasil. Desaparecimentos de pessoas tornaram-se comuns, a censura à imprensa foi intensificada, e o governo militar adotou medidas como o congelamento de salários, gerando grande descontentamento entre os trabalhadores. Esses eventos contribuíram para o aumento da impopularidade do regime, que, em resposta, ampliava a repressão contra seus opositores.

Mafalda pode ser considerada uma voz que denuncia a realidade imposta pelo governo. Conforme Medeiros, “A história da personagem mais famosa de Quino está recheada de fatos e momentos bastante importantes da vida da Argentina das décadas de 1960 e 1970, bem como do próprio autor.” (MEDEIROS, 2007, p. 39). As temáticas das tiras são “[...] os conflitos entre as nações, a pobreza, o mau desempenho dos governos, o papel da mulher na sociedade, a dominação dos Estados Unidos e o descaso com a qualidade do ensino [...]” (SAMPAIO, 2008, p. 49).

Isabella Lucena (2008, p. 54) aponta que as inquietações de Mafalda revelam uma profundidade notável. Quando parece que sua posição sobre um determinado assunto está definida, ela surpreende ao lançar um novo olhar, seja com uma pergunta incisiva, uma observação inesperada ou mesmo uma expressão que transita entre enfado, asco ou compaixão diante de situações ou personagens específicos. O desenvolvimento da tira cômica acompanha sua evolução gradual, mostrando uma Mafalda que amadurece em sua visão de mundo. Com o tempo, algumas de suas características mais infantis se diluem, sendo assumidas por outros personagens, enquanto ela consolida sua postura crítica e reflexiva.

Mafalda não é uma heroína, mas um símbolo e mito de uma época contestadora argentina.

## A ÉTICA A PARTIR DOS QUADRINHOS DE MAFALDA

As tiras de Mafalda apresentam um gênero literário consistente em sua estrutura e altamente eficaz como ferramenta de apoio ao ensino e à aprendizagem. Por abordarem temas atemporais, a obra de Quino possibilita uma abordagem interdisciplinar, permitindo sua aplicação em diferentes áreas do conhecimento e podendo ser utilizada como recurso metodológico em sala de aula (DE SOUZA RODRIGUES; KLEMZ, 2022). Especificamente, as tiras se destacam na análise de questões éticas, oferecendo um rico material para reflexões e debates sobre valores, comportamentos e dilemas morais presentes em seus quadrinhos.

Ser ético comumente significa possuir virtudes éticas, ou seja, “[...] as que se desenvolvem na prática e se encaminham para a consecução de um fim [...] que servem para a realização da ordem do Estado – a justiça, a amizade, o valor, etc. – e têm sua origem direta nos costumes e no hábito [...]” (FERRATER MORA, 2000, p. 930). Assim, ser ético significa, em linhas gerais, agir em conformidade com os preceitos de igualdade e justiça, que dizem respeito à responsabilidade e à ação concreta das pessoas diante das circunstâncias da vida (SILVA; KLEMZ, 2004, p. 11).

As sociedades podem ser compreendidas a partir da forma como conceitos fundamentais, como justiça, igualdade e os direitos de cada cidadão, são efetivamente respeitados. Quino, em suas histórias em quadrinhos, retratou situações reais com humor e ironia, criticando as limitações e violações enfrentadas pela população nesses aspectos. Por meio dessa abordagem, suas tirinhas resgatam e refletem memórias e mensagens socioculturais de um contexto específico. As histórias em quadrinhos, assim como outras formas de linguagem, servem como um espelho das experiências coletivas e das condições de seu tempo. No caso das tirinhas de Quino, especialmente com a personagem Mafalda, o objetivo é provocar reflexões sobre o cotidiano da sociedade, destacando princípios éticos, experiências comuns, desigualdades e as injustiças frequentemente sofridas pelos mais vulneráveis.

Nos quadrinhos, a comédia e os desenhos servem como veículos acessíveis para transmitir mensagens compreensíveis a todos os públicos. No entanto, por trás desse formato lúdico, há uma intenção politizada que busca estimular a capacidade de questionamento em

relação a princípios políticos e éticos. Com humor e ironia, as tiras constroem um discurso crítico que, à primeira vista, parece inofensivo. Essa aparente leveza é estrategicamente sustentada pelo uso de metáforas, figuras de linguagem e outros recursos estilísticos, que tornam as críticas mais sutis, mas igualmente impactantes e reflexivas. Não há uma neutralidade do discurso, uma vez que ele envolve um contexto histórico e ideológico e que, “numa realidade social e histórica, em que se é obrigado a reconhecer que sempre se ocupam determinadas posições (e não outras) no conflito constitutivo das relações sociais, não se pode fazê-lo naturalmente” (ORLANDI, 1987, p. 13).

Maliska e Souza (2014) ponderam que, no contexto das tirinhas em quadrinhos, é correto afirmar que elas não se limitam à subversão dos sentidos associados ao humor. Esse sistema discursivo opera a partir de um jogo de equívocos que evidencia a natureza não uniforme da língua, o "real da língua", entendida como um sistema aberto e dinâmico, suscetível a falhas e a múltiplas interpretações. A linguagem, nesse sentido, está sempre em movimento, sendo construída e reconstruída no discurso. Assim, as relações de linguagem refletem as relações entre sujeitos, repletas de sentidos variados e contraditórios. O sujeito do discurso é, por natureza, heterogêneo e atravessado por contradições, o que se manifesta nas interações comunicativas. Dessa forma, o discurso pode ser definido como o efeito de sentidos que emerge do encontro entre interlocutores, revelando a complexidade das interpretações e das interações humanas.

A pergunta que se coloca é em relação à análise ética desse tipo de discurso. Lobato e Nogueira (2013, p. 208) concluíram que, por meio do gênero bem-humorado que caracteriza

as HQs, é possível observar que a valoração das atitudes humanas está profundamente ligada a ideais, valores e normas sociais. Essa valoração, especialmente no campo de significados relacionados à atitude de julgamento, fornece aos que escrevem, falam ou analisam a língua os fundamentos teóricos necessários para compreender como os atos de julgar, aprovar, desaprovar, elogiar, admirar, criticar ou condenar se manifestam linguisticamente. Nas HQs, esses significados são transmitidos por meio de estratégias discursivas e estilísticas, que tornam explícitas ou implícitas as intenções do autor.

Dessa forma, as tirinhas criam um espaço para que o julgamento e as reflexões éticas sejam explorados de maneira crítica e criativa, possibilitando uma interpretação que vai além do humor superficial e promove um diálogo mais profundo sobre questões sociais e culturais. Um exemplo são as tiras de Charles Schulz, com sua personagem Snoopy, que refletem questionamentos humanos (KLEMZ; DE SOUZA RODRIGUES; RODRIGUES, 2022, p. 19).

Nesse sentido, o autor possui o poder de utilizar os pressupostos teóricos que mais bem julgar. Assim, “[...] a eficácia da escolha linguística do escritor quanto à proposta de criar um quadrinho como parte de um projeto maior [...]” (LOBATO; NOGUEIRA, 2013, p. 208) depende do seu êxito na construção do discurso. Por outro lado, o autor atingirá o seu público pretendido não somente pelas “escolhas” linguísticas, mas também pelo uso dos quadrinhos, através dos quais, de forma bem-humorada, passa a sua mensagem. O uso dos quadrinhos como forma didática, humorística ou irônica tem a sua eficácia, conforme visto anteriormente, e o poder da sua utilização passa pelo crivo ético do autor e da editora que publica os quadrinhos.

Von Kulitz (2013) ressalta que Umberto Eco descreveu Mafalda não como uma heroína, apesar de seu papel contestador, mas como uma personagem cuja principal intenção não é amparar as pessoas, como muitos personagens da época. Em vez disso, Mafalda se dedica a criticar comportamentos e situações, colocando a sociedade em constante questionamento. Esse aspecto está fortemente ligado ao ambiente de desesperança da Argentina no período em questão. Mafalda representa uma menina que, de forma simples e aparentemente ingênua, traz à tona questões fundamentais. Ela é uma criança que se espanta com o mundo e não aceita as normalidades e obviedades da realidade cotidiana. Seus comentários, sempre ácidos, se opõem aos ideais da sociedade de consumo e expõem as contradições dessa realidade.

Quino (1992, p. 50), sobre a enorme exposição (mais de dois mil metros quadrados para homenagear Mafalda), disse que “Mafalda olharia feio se eu levasse tudo isso muito a sério.” A própria Mafalda, na voz de seu criador, não esperaria tamanha exposição sobre si, já que sua intenção era contestar para abrir os olhos das pessoas para o mundo opressor. Quino, na tira da Figura 1, com o título de “ideologia”, aborda o direito de expressão da ideologia de cada um.



Figura 1 - Ideologia

Fonte: QUINO, 2003, p. 260, tira 1.

A cena ocorre entre Mafalda, Susanita e um militar. A protagonista Mafalda demonstra como se realiza a repressão da ideologia dominante, silenciando ou impedindo os demais de expressarem suas ideias e intenções. A relação entre sociedade e poder está muito bem representada na tira da Figura 1, considerando que o contexto no qual foi criada é o enfraquecimento econômico argentino e a iminência da ditadura militar. A expressão que Mafalda dirige a Susanita simboliza a ideia de esmagar a ideologia, em que esta é reprimida por meio da violência. O policial, com seu bastão, representa a "manutenção da ordem", defendendo a ideologia vigente no poder. Ele é encarregado de preservar a segurança pública, garantir a ordem e a "paz" em todos os níveis e entre as diferentes classes sociais.

No caso específico da tira de Quino, a ideologia aparece no sentido apontado por Karl Mannheim (FERRATER MORA, 2000, p. 1432), de que a ideologia reflete uma descoberta que surge como consequência do conflito político. Ou seja, trata-se da ideia de que os grupos

dominantes podem estar tão profundamente apegados a uma determinada situação de interesses que já não são capazes de perceber certos fatos que abalariam seu senso de dominação. Implícita no conceito de "ideologia" está a percepção de que, em algumas circunstâncias, a consciência coletiva de certos grupos obscurece a verdadeira condição da sociedade, tanto para si mesmos quanto para os outros, estabilizando, assim, essa situação.

Nesse sentido, a "ideologia" a ser esmagada é a da realidade vivida pela população, em situação de desigualdade e com a dignidade humana em perigo. A população também está sendo cerceada em seu direito de expor a sua indignação, como ilustrado na tira da Figura 2.



Figura 2 - Direito de Liberdade de Expressão

Fonte: QUINO, 2003, p. 253, tira 4.

A tira da Figura 2 apresenta Mafalda e seu irmão mais novo, Guile, com a participação indireta da mãe, ainda que de maneira não explícita. A mãe pode ser interpretada como a representação do poder dominante, uma vez que puniu o filho Guile por "escrever" na parede. Além de ter a palavra final como mãe, ela também é fisicamente mais forte, simbolizando

tanto a força física quanto a autoridade da palavra contra o mais fraco. Mafalda, por sua vez, assume o papel de contestadora dessa ordem estabelecida, desafiando o "poder" e reivindicando a liberdade de expressão.

No contexto familiar, a mãe é também a figura responsável pela educação. De fato, riscar a parede é um comportamento inadequado. No entanto, o autor, considerando o contexto político da Argentina, não está questionando a mãe enquanto educadora, mas sim o poder ditatorial. Nesse sentido, Quino utiliza a ironia — uma das características marcantes de suas tiras — para transmitir uma mensagem mais profunda: o direito à liberdade de expressão.

A restrição ao direito de se expressar livremente, segundo Mendes, Coelho e Branco (2008, p. 359), constitui um exercício de violência por parte de quem impõe a censura, seja o Estado ou outro indivíduo, pois viola a essência da dignidade humana. Isso ocorre porque a liberdade de expressão é essencial para a autorrealização do ser humano, permitindo-lhe manifestar suas ideias e desenvolver seu pleno potencial. Os autores, juristas, destacam que há o direito de se expressar e de expor o pensamento, sendo a liberdade de expressão parte integrante do exercício da cidadania.

Stuart Hall (2003, p. 77) menciona que *a cidadania universal e a neutralidade cultural do Estado são as duas bases do universalismo liberal ocidental*. No entanto, é evidente que os direitos de cidadania nunca foram aplicados de maneira universal — nem aos afro-americanos pelos Pais Fundadores dos EUA, nem aos sujeitos coloniais sob o governo imperial. Esse

abismo entre ideal e prática, entre igualdade formal e igualdade concreta, entre liberdade negativa e positiva, tem sido uma questão central na concepção liberal de cidadania desde seus primórdios.

Quanto à neutralidade cultural do Estado liberal, Hall observa que seus avanços não devem ser descartados de forma leviana. A tolerância religiosa, a liberdade de expressão, o Estado de direito, a igualdade formal, a legalidade processual e o sufrágio universal — embora contestados — são conquistas significativas. No entanto, a neutralidade do Estado funciona apenas quando se assume uma homogeneidade cultural ampla entre os governados. Essa presunção sustentou as democracias liberais ocidentais até recentemente. Sob as novas condições multiculturais, contudo, essa premissa parece cada vez mais inválida.

Ao mesmo tempo em que o Estado deve se manter neutro, precisa também contemplar a multiculturalidade da sociedade. Assim, a liberdade de expressão, bem como as demais formas de manifestação, deve ser garantida a cada indivíduo ou grupo dentro de uma sociedade democrática. Por isso, a liberdade de expressão é parte do exercício da cidadania, compreendida por Daari (1998, p. 14) como um conjunto de direitos que confere à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Ela garante o direito de expressar opiniões, debater ideias e influenciar as decisões que afetam a sociedade.

Quem não possui cidadania encontra-se marginalizado ou excluído da vida social e do processo decisório, ocupando uma posição de inferioridade dentro do grupo social. Sem o direito de participação plena, esse indivíduo não tem voz nas questões que afetam sua vida e

seu futuro, ficando à margem do processo político e social. Desta forma, ao ter sua liberdade de expressão limitada, o cidadão também é cerceado em seu direito de exercer a cidadania, ou seja, de reivindicar seus direitos.

Quino, por meio de suas tiras, faz críticas abrangentes à sociedade. Na tira da Figura 3, por exemplo, ele critica a ânsia pelo lucro.



Figura 3 – Consciência e lucro

Fonte: QUINO, 2003, p. 217, tira 5.

O diálogo entre Mafalda e Manolito reflete a ideia de que a busca incessante pelo lucro muitas vezes se sobrepõe a qualquer preocupação com a saúde. Nesse contexto, há um esforço para enganar ou omitir informações sobre os produtos industrializados que são comercializados. Nas relações comerciais, a ética e a consciência são frequentemente deixadas de lado, mesmo quando isso compromete o bem-estar do consumidor. Especificamente no que se refere à alimentação, a consciência é completamente ignorada na

era dos alimentos transgênicos, em que o foco é exclusivamente o lucro, independentemente dos impactos para a saúde pública.

A consciência, em seu sentido filosófico, é “[...] a possibilidade de dar atenção aos próprios modos de ser e às próprias ações, bem como de exprimi-los com a linguagem” (ABBAGNANO, 1998, p. 185). Nesse sentido, Manolito, de certa forma, ouve sua consciência de comerciante, já que este é o seu modo de ser e corresponde às suas ações cotidianas.

No entanto, esse uso filosófico, segundo Abbagnano (1998, p. 185), tem pouco ou até nada a ver com o significado comum. Segundo o autor, estar ciente dos próprios estados, percepções, ideias, sentimentos, volições, entre outros, significa que uma pessoa “está consciente” ou “tem consciência” quando não está dormindo, desmaiada ou afastada da atenção sobre seus próprios modos de ser e ações. Contudo, o significado desse termo na filosofia moderna e contemporânea é muito mais complexo. Ele refere-se a uma relação da alma consigo mesma, uma conexão intrínseca ao ser humano, “interior” ou “espiritual”, pela qual este pode se conhecer de maneira imediata e privilegiada, permitindo-lhe julgar a si mesmo de forma segura e infalível. Assim, trata-se de uma noção em que o aspecto moral — a capacidade de autojulgar-se — está estreitamente vinculado ao aspecto teórico, que envolve a possibilidade de se conhecer de maneira direta e sem falhas.

Manolito deixa claro que não ouviu a consciência, ou seja, não julgou seu ato, deixando qualquer aspecto moral de lado. A consciência é peculiar a cada pessoa, sendo moldada pela sua educação, suas referências e convivências. Quino representa, também, a

consciência do General, que simboliza o governo ditatorial, conforme ilustrado na tira da Figura 4.



**Figura 4 - Perspectiva de inquilinos**

Fonte: QUINO, 2003, p. 217, tira 4.

Evidencia-se uma crítica ao mandatário, que não teria consciência para indicar onde ficam as coisas. E, caso essa consciência se manifestasse na forma de um indivíduo, este também não teria coragem de dizer algo contrário a uma ideia pré-estabelecida. Mario Stoppino (1997, p. 370), ao estudar a etimologia da palavra “ditadura”, analisa que as ditaduras modernas carregam uma carga negativa, caracterizando a classe dos regimes antidemocráticos, com “[...] uma acentuada concentração do poder e pela transmissão da autoridade política de cima para baixo”.

A representação de Quino ilustra precisamente que a concentração de poder antidemocrático não é passível de questionamento, prevalecendo as ideias do regime totalitário. Pedroso (1998, p. 63) destaca que o regime político de uma sociedade determina como se desenvolve a vida política dos cidadãos. Compreender as características desse regime

é essencial para entender como as instituições políticas se estruturam e se articulam, bem como para compreender como os indivíduos se posicionam e atuam dentro delas. É exatamente isso que Quino realiza por meio de suas tiras: ele busca fazer com que a população compreenda o regime em vigor, e, especificamente neste caso, o totalitarismo.

Quino utiliza a ironia como uma ferramenta para transmitir sua mensagem, apelando à sensibilidade humana diante de situações extremas. Por outro lado, ele também expõe a insensibilidade do ser humano, mostrando que, mesmo ao praticar "boas" ações, estas não são realizadas com um fim genuíno, mas frequentemente servem apenas como fachada ou justificativa para manter-se ativo na sociedade. Dessa forma, Quino critica as contradições presentes nas atitudes humanas, revelando como as boas intenções podem ser distorcidas ou usadas para mascarar a falta de verdadeiro comprometimento, como retratado na tira da Figura 5.



Figura 5 – Fome

Fonte: QUINO, 2003, p. 218, tira 3.

Essa tira de Quino pode ser analisada à luz das ideias de Immanuel Kant, filósofo alemão, que parte da premissa de que o mais importante é o motivo. Ou seja, qual é o motivo que leva a respeitar as pessoas e seus direitos humanos? O objetivo é garantir que o maior número possível de indivíduos seja agraciado com a felicidade? Kant, conforme Michael J. Sandel (2015), defende a ideia de que todos somos seres racionais, merecedores de dignidade e respeito. Ele atribui grande importância à dignidade humana, que fundamenta as concepções dos direitos humanos universais.

Kant repudia a ideia de buscar o maior número de pessoas felizes, conforme ensina Sandel (2015). Para Kant, a questão fundamental é o motivo, não a felicidade em si. Somos seres racionais e, portanto, capazes de raciocinar, agir e escolher livremente. Essa capacidade racional nos permite agir não impulsionados pelos desejos e apetites, ou seja, não guiados por fatores externos. A razão nos capacita a escolher o fim em si mesmo, não em função de outra coisa. Agir por um motivo externo seria o que Kant chama de heteronomia, ou seja, agir em função de finalidades externas. Uma ação, portanto, deve ser boa por si só. O motivo é o que confere o valor moral à ação, e deve-se agir pelo dever, não por interesse próprio.

É interessante o que Kant considera a respeito da compaixão de um indivíduo pelo outro, quando este ajuda pelo prazer de ajudar. Como se trata de um prazer, o motivo de ajudar não é o fator determinante, e, portanto, essa ação não tem valor moral. Para Kant, a moralidade reside em agir de acordo com o dever. Ele afirma que, se uma ação é realizada para atingir uma meta ou um objetivo, trata-se de um imperativo hipotético; já se a ação é realizada de forma incondicional, pelo fim em si, então é um imperativo categórico. As pessoas

devem ser tratadas como um fim em si mesmas, e não como um meio para outro fim. Por isso, a lei moral consiste nesse imperativo categórico (SANDEL, 2015).

A pergunta que se coloca é: por que não há uma conduta ética na sociedade, mas justamente o seu contrário? A resposta está na educação. Desde cedo, as crianças parecem reproduzir as ações dos adultos, como mostra a tira da Figura 6.



Figura 6 - Ética

Fonte: QUINO, 2003, p. 320, tira 2.

As crianças, ao se trancarem em um quarto para falar sobre os adultos, imitam a maneira como estes agem ao tratar de assuntos que não desejam que elas ouçam. Dessa forma, elas acabam reproduzindo as identidades sociais, fazendo com que a sociedade se torne um eterno retorno às mesmas dinâmicas. Assim se dá a formação de uma sociedade. Lima (2007, p. 618) menciona que o conceito de identidade foi “[...] utilizado inicialmente para servir aos interesses da classe dominante.”

Cabe a pergunta: ainda se pode ter esperança? Após passar um mês desastroso, Mafalda acredita que o próximo será melhor. Mas, ao olhar para o número um, símbolo do primeiro dia do novo mês, pergunta se este sabe rezar. Com isso, evidencia que, pelas forças próprias, talvez seja difícil conseguir algo melhor, sendo necessária uma força para além das suas capacidades.



Figura 7 - Empolgação

Fonte: QUINO, 2003, p. 390, tira 3.

Sawaia (2009, p. 366) lembra Espinosa quando afirma que as pessoas se submetem à servidão porque estão dominadas pela tristeza, pelo medo e pela superstição. Aprisionadas nas correntes das paixões tristes, elas anulam suas potências vitais, tornando-se vulneráveis à tirania de outros, em quem depositam a esperança de sua felicidade. Por isso, Espinosa afirma que a tirania não se destrói apenas eliminando o tirano, pois, se as relações de servidão não forem rompidas, outros tiranos surgirão para ocupá-lo. É necessário destruir as relações que sustentam essa servidão para que a verdadeira liberdade possa emergir.

O medo de perder tudo, até mesmo o pouco que se tem, leva o ser humano a se submeter e se vender pelo mínimo necessário. A partir das reflexões de Paulo Freire (2003, p. 51-82), é possível perceber que existem diversos imperativos essenciais na construção da esperança: revisar, refletir, corrigir, contemplar, inserir, conhecer, dialogar, contextualizar e criticar. Independentemente do lugar, seja país ou continente, não se pode negar a existência do sofrimento. Ele é o ponto de partida para uma transformação profunda. A esperança só surge quando se compreende o sofrimento; é a partir dele que ela nasce. A esperança é uma necessidade diante do sofrimento. Ao reconhecer a opressão e o sofrimento, é possível construir a esperança. A pedagogia da esperança envolve a compreensão do todo, ou seja, a inclusão e a superação da exclusão.

A teologia da esperança, conforme Gibellini (1998, p. 279-299), reflete-se na teologia escatológica, que aponta para um Reino futuro e transcendente. Trata-se da esperança em um Reino que traga alívio ao presente, ao momento atual; uma esperança por um instante eterno, que faz de cada momento presente uma experiência escatológica. A esperança pela transformação surge da fé, que ocupa o primeiro lugar: é ela que impulsiona a direção para a esperança.

A partir das reflexões de Gibellini, conclui-se que se chega a uma teologia da esperança, que traz para o presente a promessa de um futuro de justiça e da plenitude do Reino. Essa teologia da esperança está intrinsecamente ligada à teologia da cruz, pois seu propósito último é o Deus crucificado, o Cristo, e a escatologia cristã. Ao ressuscitar da cruz,

Cristo renasce a partir do sofrimento humano, que é acolhido por Deus por meio da ressurreição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tiras cômicas da Turma da Mafalda, criadas por Quino, refletem de maneira humorística e irônica os acontecimentos sociais e políticos de sua época e contexto, mas também cruzam fronteiras e se mostram atemporais. Esses eventos têm implicações éticas significativas, tanto nas relações cotidianas entre os indivíduos quanto nas interações mais complexas, como aquelas entre regimes governamentais e seus governados. Observa-se que, por um lado, Quino, por meio da voz de Mafalda, critica os sistemas autoritários dos governos que marcaram a história da Argentina; por outro, também questiona a falta de ética nas relações daqueles que sofrem sob esses regimes. Mesmo quando se busca um governo ético, nem sempre a ética é aplicada nas relações pessoais.

Os resultados do estudo demonstram que as mensagens das tiras cômicas da Turma da Mafalda apontam sugestões de mudança para a transformação de valores sociais e culturais, questionando a institucionalização de práticas seguidas pelas instituições e pelas pessoas. As tiras da Mafalda reproduzidas e analisadas neste trabalho trouxeram temas éticos relacionados aos direitos humanos e à dignidade humana.

Por fim, verifica-se que o gênero literário dos quadrinhos se mostra eficaz na transmissão de mensagens e, através do humor, Quino consegue alcançar seu objetivo de

enviar uma crítica, corroborando a tese de Marshall McLuhan de que o meio também pode ser a mensagem. A simplicidade e a clareza da linguagem, bem como a contextualização com os acontecimentos do cotidiano, ajudam a reforçar essa comunicação, refletindo o consciente coletivo dos cidadãos. Por essa razão, os quadrinhos podem servir como um modelo pedagógico para a educação, aproximando temas éticos da realidade dos alunos. Além disso, o fato de as histórias em quadrinhos integrarem o cotidiano de leitura de todas as faixas etárias contribui para esse modelo, confirmando que sua utilização pode ser uma ferramenta significativa para promover reflexões éticas.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DALLARI, **Direitos Humanos e Cidadania**. São Paulo: Moderna, 1998.

DE SOUZA RODRIGUES, Vagner; KLEMZ, Charles. Cultura pop no ambiente escolar: conhecimento sim, matação não!. **Protestantismo em Revista**, v. 48, n. 2, p. 108-119, 2022. Disponível em: [http://198.211.97.179/periodicos\\_novo/index.php/PR/article/view/2826/2400](http://198.211.97.179/periodicos_novo/index.php/PR/article/view/2826/2400). Acesso em: 22 out. 2024.

FERRATER MORA, José. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Loyola, 2000. v. 2.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GIBELLINI, Rosino. **Teologia do século XX**. São Paulo: Loyola, 1998.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediação cultura**. Belo Horizonte: Humanitas, 2003.

HEYWOOD, Andrew. **Ideologias Políticas: do liberalismo ao fascismo**. São Paulo: Ática, 2010.

KLEMZ, Charles; STRELOW, Wagner Fernando Kind. INTERFACES ENTRE A ARTE SEQUENCIAL E A TEOLOGIA. **Protestantismo em Revista**, v. 46, n. 2, p. 65-75, 2020. Disponível em: [https://revistas.est.edu.br/periodicos\\_novo/index.php/PR/article/view/67/56](https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/PR/article/view/67/56). Acesso em: 22 out. 2024.

KLEMZ, Charles; DE SOUZA RODRIGUES, Vagner; RODRIGUES, Nina Gabriela Ponne. O religioso nas tiras de Snoopy. **Cult de Cultura: Revista interdisciplinar sobre arte sequencial, mídias e cultura pop**, v. 2, n. 1, 2022. Disponível em: [https://revistas.est.edu.br/periodicos\\_novo/index.php/cult/article/view/3226/2791](https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/cult/article/view/3226/2791). Acesso em: 22 out. 2024.

LIMA, Aluísio Ferreira de. Para a reconstrução dos conceitos de massa e identidade. **Univ. Psychol.**, Bogotá, v. 6, n. 3, p. 613-622, Sept. 2007. p. 618. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rups/v6n3/v6n3a13.pdf>. Acesso em 01 nov. 2024.

LOBATO, Ladyana dos Santos; NOGUEIRA, Rosângela do Socorro. O subsistema de atitude: uma análise do posicionamento moral e ético na história em quadrinhos da turma da Mônica “um supermotociclista”. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 190-208, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo>. Acesso em: 30 set. 2024.

LUCENA, Isabella Cristina Amorim de. **O resgate do literal das metáforas conceituais em Mafalda gerando o humor: uma análise polifônica**. 2008. 76 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, 2008.

MALISKA, Maurício Eugênio; SOUZA, Silvana Colares Lúcio de. Os efeitos de sentido da ironia e do humor: uma análise das histórias em quadrinhos da Mafalda. **Recorte**, Revista do Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso, UNINCOR, v. 11, n. 1, 2014. Disponível

em: <[http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/1495/pdf\\_27](http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/1495/pdf_27)>. Acesso em: 20 set. 2024.

MEDEIROS, Fabiano Didio. **Mafalda**: uma análise textual. 2007. 92 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

MENDES, Gilmar Ferreira; COELHO, Inocêncio Mártires; BRANCO, Paulo Gustavo Gonet. **Curso de Direito Constitucional**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 2. ed. rev. e aum. Campinas: Pontes, 1987.

PEDROSO, Elisabeth. Regimes Políticos. In: PETERSEN, Áurea et al. **Ciência Política**: textos introdutórios. Porto Alegre: Ed. Mundo Jovem, 1988.

QUINO, 1992, apud GAMBOA, Aldo. A hora de Mafalda. **Cadernos do Terceiro Mundo**, Vol./No. 150, 1992.

QUINO, Joaquín Salvador Lavado Tejón. **Toda Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SAMPAIO, Patrícia Moreira. **O ensino da tradução do humor**: um estudo com as tiras da Mafalda. 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.

SANDEL, Michael J. **Justiça**: o que é fazer a coisa certa. 17<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

SAWAIA, Bader Burihan. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 364-372, Dec. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n3/a10v21n3.pdf> . Acesso em: 08 nov. 2024.

SILVA, A. R. L. da; KLEMZ, C. A ética de Dietrich Bonhoeffer em diálogo com Ênio Mueller. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, [S. l.], v. 17, n. 10, p. e11149, 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.10-006. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/11149>. Acesso em: 28 nov. 2024.

STOPPINO, Mario. Ditadura. In: BOBBIO, Norberto et al. **Dicionário de Política**. 9 ed. Brasília: UnB, 1997. Vol. 1. p. 368-379.

VON KULITZ, Layssa Bauer. Mafalda e o desencanto argentino: Uma análise do espírito argentino nos anos 1960. **Revista Três Pontos**, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, v. 10, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/view/2678>>. Acesso em 30 out. 2024.